

há_bit: utopias do morar, viver, compartilhar

Christus Nóbrega
Universidade de Brasília

Resumo

A casa, nos moldes que a conhecemos hoje, é um objeto em falência. Afirmamos isso porque defendemos a tese de que a arquitetura residencial não está em consonância com o código estético-simbólico de seus moradores. Enquanto os sujeitos se tornam cada vez mais virtuais, rizomáticos e móveis, as casas fazem o caminho oposto, edificando-se como um bruto e fechado imóvel. Se a cibercultura está tomando para si várias das atribuições que eram, até então, restritas ao espaço arquitetural, esta por sua vez começa a se tornar, de certa forma, desnecessária. Assim, a arte, como ciência da perturbação do (des)conhecimento, teria a potência para reanimá-la, soprando e derrubando-lhe suas paredes, símbolos de fechamento e de imobilidade, para em seguida substituí-las por aparelhos computacionais - sistemas das emergentes tecnologias de informação e comunicação. Nesse artigo, propomos modos de hibridização da casa e ciberespaço, a qual damos o nome de há_bit(at).

Palavras-Chave

há_bit; arte e tecnologia; realidade híbrida; casa; corpo; matilha; Utopia

Abstract

House, in the manner that we know it today is an obsolete object. We can say so since we understand that residential architecture is not in accordance with the aesthetic and symbolic code of its residents. While the individuals turn virtual, rhizomatic and dynamic ever more, houses go follow the opposite way, being built as rough and closed properties. If cyberculture is taking on many of the tasks that were so far restricted to the architectural space, therefore this space in some manners turns to be unnecessary. Thus, art as a science of disturbance (un)knowledge, may revive these houses, blowing and knocking out it's walls, it's closed symbols and it's static state, in order to replace them with computing devices – systems of emerging information and communication technologies. In this thesis we study and suggest poetic ways of hybridization of house as a material entity and cyberspace as virtual entity, with the symbiosis of building a cybrid space to live within the art. We denominate this cybrid building há_bit(at)

Keywords

há_bit. Art; and technology; cybrid reality; home; body; pack; Utopia.

(...) No dia em que os habitantes de Eutrópia se sentem acometidos pelo tédio e ninguém mais suporta o próprio trabalho, os parentes, a casa e a rua, os débitos, as pessoas que devem cumprimentar ou que os cumprimentam, nesse momento todos os cidadãos decidem deslocar-se para a cidade vizinha que está ali à espera, vazia e como se fosse nova, onde cada um escolhe um outro trabalho, uma outra mulher, verá outras paisagens ao abrir as janelas, passará as noites com outros passatempos, amizades, impropérios.

De modo geral, o espaço construído como o conhecemos até então, gera universos concentracionários. Com seus territórios delimitados e previsíveis, as construções não proporcionam surpresas aos que nelas habitam. Habitar é habituar. Assim, a arquitetura passou a ser uma das mais perfeitas expressões da imobilidade. Faz parte do conceito da construção a ideia do parado. Assim, a casa como elemento fundamental do arquitetural foi normalmente pensada como uma substância fixa e estável. Residir significa estagnar, ocupar, estabelecer-se em um território e abdicar da liberdade de um devir nômade.

Como uma planta estável a casa é hoje um reduto da raiz, da fixação. Paredes fixas delimitam áreas com funções também fixas. Sala é sala. Quarto é quarto. Cozinha é cozinha e nada mais. Se sempre se construiu em termos do fixo, porque mudar? Em uma casa imóvel a identidade é o imperativo. Enquanto rumamos para a fragmentação da identidade do sujeito, para o múltiplo na vida, a casa foi se solidificando em sentido oposto distanciando-se do código estético de uma atualidade fluida, rizomática, nômade.

Michel Maffesoli, em *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas* (2001), faz um longo estudo sobre a necessidade da errância. Para o sociólogo as sociedades hoje devem rever a condição sedentária que foi-lhe imposta pelos primórdios dos tempos modernos. Com a criação do trabalho ao redor das fábricas, como já é conhecido desde a primeira Revolução Industrial, fomos sendo domesticados para o sedentarismo. Para trabalhar foi fundamental se habituar à residência fixa. Devidamente endereçados fomos capazes de nos transformar em eficientes engrenagens dos sistemas fabris. Assim, na medida em que a fábrica

crescia, rumávamos de uma vida mais nômade, para o sedentarismo robusto.

Para fazer funcionar os valores dessa era industrial houve uma supervalorização do território individualizado, tanto para fabricação como para o consumo. Era preciso privatizar e, por isso, estigmatizar o nomadismo e qualquer tentativa de deriva. O indivíduo deveria ser um; a identidade uma. Para o modernismo, segundo Maffesoli (2001), era fundamental criar a ideia de indivíduo, de identidade e de nação para se consolidar o conceito de um Estado capitalista. A proposta de uma vida nômade era completamente incompatível na configuração do Estado capitalista emergente.

Para uma sociedade sedentária o nômade representa um grande risco, pois é sempre portador de novidades. Repelir o estranho é imprescindível, pois o viajante vem perturbar a quietude com suas novidades. Vivemos em um mundo da 'familiaridade', nos fala o sociólogo, e grande parte dos rituais sociais, sejam profanos ou religiosos, não são mais do que uma força contínua para atenuar o embate do estrangeiro; para domesticar o que é estranho.

O nomadismo suscita novos encontros, novas aproximações. Perder-se. Achar-se. Ver. Ser visto. Estranhar. Ser estranhado. O devir do movimento era, por exemplo, para os Situacionistas a própria obra de arte. Abrir-se ao movimento é transformar o cotidiano limitado em cotidiano aberto às dimensões do mundo. Viver, então, passa a ser a procura por utópicas intersecções com o desconhecido. Para isso, é preciso ser errante ou estar disposto a hospedá-lo em sua casa.

O errante pode se tornar um amigo, um amante, um inimigo ou simplesmente alguém indiferente para nossas vidas. Contudo, o nômade é sempre um estrangeiro. E o imigrante tem um importante papel nas interações sociais, pois serve de intermediário com a exterioridade. Há na errância um grande fluxo de trocas. Desde trocas de bens de consumo até de sentimentos, pois a troca de bens suscita na troca de símbolos. Ao trocar um objeto, troca-se também palavras, gestos, ideias, cultura.

Hoje, conectados pelas redes tecnológicas de computadores estamos

experimentando a criação de um novo nomadismo. Uma deriva que não é mais aquela do ir de um ponto ao outro em linha reta. Com a cibercultura, aprendemos que podemos nos movimentar em várias direções sincronicamente. Navegamos, simultaneamente, por múltiplas janelas. Cada janela um mundo, um destino, uma realidade. Mais do que nos deslocar em linha reta, de um ponto a outro, hoje, nos movemos tridimensionalmente. Não estamos mais interessados apenas no movimento entre o aqui e o acolá. Estamos realmente preocupados em estar aqui e acolá concomitantemente. Não é mais preciso sofrer com a dialética de sair ou ficar.

Com as redes das tecnologias de informação e comunicação, somos hoje onipresentes. Presenciamos o nascimento da computação nas nuvens, ubíqua e pervasiva e assim vamos nos tornando aéreos e ubicientes. Telemática e virtualmente estamos em todas as partes. A questão é que quem nos possibilita essa viagem são as telas de nossos celulares, de nossos videogames, de nossos computadores pessoais... Enquanto esses aparelhos se transformam em janelas para outros mundos, as janelas de nossas casas continuam a nos permitir restritamente a conexão voyeur com a janela do vizinho.

A casa, nos moldes que a conhecemos hoje, ruma para sua falência, já que se distancia cada vez mais do código estético-computacional de seus moradores. Com a emergência da cibercultura, e a transferência de muitas das práticas sociais até então consumadas exclusivamente nos espaços edificados para tal, a arquitetura vem perdendo gradativamente sua função original de fomento das relações sociais, e tornando-se algo de utilidade duvidosa. Por isso, a urgência de sua reinvenção. Hoje já não precisamos de um prédio para ir ao banco, nem de uma biblioteca para acessar livros, muito menos de um centro de convivência para conviver, podemos fazer tudo isso interfaceado por uma tela computacional. A virtualidade pegou para si vários campos fenomenológicos que eram até então restritos à materialidade. Descobrimos que temos um corpo virtual, e agora usufruirmos enfaticamente dele. Porém, com isso, um duplo se fortalece; um duplo que coloca em oposição a carne e o numérico.

Enquanto seus corpos virtuais fluem rizomaticamente pelos fluxos do espaço liso-estriado das infovias com a ajuda de seus *notebooks*, *smartphones*, *tablets* e uma gama crescente de dispositivos computacionais emergentes, sua camada corporal orgânica fica presa as cadeiras, aos sofás e a um mórbido imóvel. Há uma fratura desnecessária no sujeito, já que o corpo hoje é um só: um híbrido entre material e virtual. Por isso, não precisamos seccioná-lo, amputá-lo, estripá-lo, criando dois entes distintos: um para atuar no ciberespaço e outro para se fixar na residência. Uma arquitetura cíbrida é urgente. (Re)ligar atual e virtual. É essa a religião do futuro.

Sob a lógica da computação ubíqua, as coisas deixam de ser ensimesmadas, para se tornarem pontos nodais de uma teia de conexões. As casas, ao começarem a ser atravessadas por uma computação onisciente e onipresente, deslocarão e desestabilizarão o sujeito dos espaços e tempos seguros, previsíveis e mensuráveis. Alargando os seus domínios de ação, nos impulsionarão gradativamente para um espaço de simultaneidade de realidades, que não se encerra mais em sua dimensão de realidade física, mas soma-se com as múltiplas camadas da realidade virtual, tonando se assim cíbrida.

Para tal, perguntamos: Como unir casa e ciberespaço? Como conectar espaços arquitetônicos fisicamente distantes, casas com casas? Como linkar os corpos que as ocupam, corpos com corpos de forma síncrona e assíncrona? Como plugar corpos e casas separados? Em que novas instâncias sensoriais esses corpos e suas casas poderiam se comunicar? Como introduzir as várias outras experiências sensoriais (tato, paladar e olfato) ainda tão faltantes nas experiências do ciberespaço mediados pela interface computacional? Como construir uma arquitetura para morar baseada no fluxo, no êxodo, no rizoma, no link? Acreditamos que refletir sobre essas questões pode ser o início de um caminho para mobilizar a casa, unindo-a ao computacional habitando-a de bytes, criar em fim, um *há_bit*. Substituindo o conceito de imóvel pelo de (i)móvel, conseguiremos substituir nossas atuais habitações finitas por promissoras *há_bit*(ações) (in)finitas.

Nesse ensaio de futurologia, verificaremos no campo da construção-*artística*-civil,

uma crescente hibridização entre os materiais tradicionalmente ditos duros (*hard[ware]*), com os chamados emergentes e leves (*soft[ware]*). Como vimos, não só o concreto, a pedra e o ferro serão usados na construção das fundações de edificações. Também estarão presentes, por exemplo, o silício, o óxido de índio-estanho, o diodo orgânico emissor de luz e os algoritmos computacionais inteligentes distribuídos em uma complexa rede neural, que juntos darão ao *há_bit(ar)* a condição de agente cibernético. Não estamos vivendo apenas em uma realidade material. Nossa realidade é hoje cíbrida. Por isso, a casa já não basta; ela é incompleta. O que precisamos agora é de uma *há_bit(ação)*; esta sim é (in)esgotável e (in)finita.

Uma proposta, um experimento, uma utopia

Nosso modelo *há_bit(acionall)* é o da casa como rende social. Casas como interface mas também como agente. Queremos casas conectadas com casas, casas conectadas com corpos, casa-casa, casa-corpo, corpo-corpo, casa-corpo-casa, corpo-corpo-casa, casa-casa-corpo... em uma espécie de matilha eletrof(r)iccional, onde todos os agentes atuem em um processo de fricção construindo ficções cotidianas. Queremos fomentar um interesse naqueles que planejam a construção dos espaços arquiteturais pensarem em um projeto de *urbanismo-residencial*; trazer o fluxo de movimento próprios da rua para o imóvel. Desejamos o (i)móvel.

Nesse primeiro momento da pesquisa propomos seis modos de interação que funcionam também como seis roteiros ou especulações teóricas e paramétricas para projetos arquitetônicos *há_bit(áveis)*. Todos as seis propostas/modelos/roteiros são objetos/produtos/conceitos que podem ser implementados na construção de paredes, como uma espécie de tijolo cibernético.

A primeira proposta/modelo/roteiro chamamos de Aracati, um aparelho que ao ser implementado na construção das paredes permite a troca de carícias por meio do sopro. Similarmente, em Dedução, segunda proposta/modelo/roteiro estimula-se a troca de contato físico telemático através do toque mediado por interface mecânica. Já em Dizfile podemos, ao encostar um copo na parede, ouvir o que outros com os

quais há_bit(amos) conversam. O quarto projeto é Drywall, um sistema interacional corpo-há_bit(ação)-corpo, que permite que os sujeitos conectados conheçam o estado emocional de outros através da alteração da umidade de suas paredes. Em iguaria, somos estimulados a realizar refeições com entes queridos ou com pessoas desconhecidas e que estão fisicamente distantes. Por fim, a Lambisgóia é formada por um conjunto de azulejos, que podem ser lambidos e acariciados para jorrarem chocolate. Nesse artigo, trataremos com mais profundidade da proposta/modelo/roteiro Dywall.

Drywall

Sobre a tecnologia: A há_bit(ação) é dotada de um sistema de câmeras que, por meio de um *software* de reconhecimento facial consegue identificar as expressões das emoções de seus há_bit(antes). Aliados a isso, detecta e equaciona o quão este movimenta-se pela casa, sabendo discernir se ele apresenta um movimento baixo (baixa energia), normal ou elevado (excesso energético). Equacionando a leitura das expressões faciais e o grau de movimentação, consegue concluir se um de seus há_bit(antes) está em estado de melancolia. Todo o sistema foi desenvolvido com a placa de prototipagem Arduino.

Sobre o funcionamento: Estava vendo agora há pouco uma mulher dando uma entrevista em um programa de televisão. Ela, um tanto quanto afundada em desânimo, falou algo que muito me intrigou. E olhem que atualmente não tenho tido muita paciência nem com televisão nem com pessoas, para impressionar-me assim tão gratuitamente com essas duas coisas. Mas aquela mulher, apesar de muito desinteressante, sabia das coisas... No meio da entrevista, o repórter, bem provavelmente tão incomodado como eu ao ver aquela moribundisse contagiante da entrevistada, perguntou-lhe a razão de tanto desgosto. E de pronto, como se já soubesse a réplica de cor de tanto que respondera a essa questão ao longo de sua vida, disse que não era tão triste assim como aparentava. O problema, segundo ela, era que particularmente hoje estava cansada.

Apesar de eu estar meio esvaziada de empatia, identifiquei-me com aquilo. Eu também estava cansada, e não triste como os outros há_bit(antes) queriam que eu

acreditasse. Estou cansada e pronto! Também pudera, estou sempre tão atordoada de serviço. Tomar conta do mundo tem me consumido todo o tempo e forças. Como é que querem que eu ainda consiga cuidar de mim mesma? Simplesmente não dá! Mas hoje resolvi ser bem egoísta e descansar sem hora para voltar. Não sei se quero descansar, por estar realmente cansada ou se quero descansar para desistir. Acho que vou desistir um pouco. Só um pouco. Daqui a pouco me acorde; que eu volto ao seu normal. Prometo-lhe. Hoje digo qualquer coisa para ficar em quietude.

Ah, antes que eu me conforte na desistência tenho que te falar o nome da mulher moribunda da televisão. Por favor, ajude-a. Apesar de não parecer que mereça, ela está precisando tanto de um cúmplice. O nome dela é Clarice; talvez a conheça, talvez não. (In)felizmente o sobrenome eu não sei. Disseram na abertura do programa, mas eu esqueci. Ando tão desistente que já não memorizo mais nada.

Agora vou deitar um pouco. Depois de ver aquela hipocondríaca-melancólica de meia idade falar por mais de uma hora fiquei ainda mais exausta. Foi contagiante, não teve como evitar. Percebo agora que meu cansaço também poder estar sendo contagioso. Não sou paranóica, mas tenho reparado que os há_bit(antes) que há_bit(am) comigo também começa a se cansar. Acredito que estejam cansados de mim. Aqueles ingratos, será que planejam me lançar sozinha ao deserto como fazem os esquimós com seus velhos inúteis, para que minha latência pare de incomodá-los?

Mas eu, como a insossa Clarice, necessito de todos por perto. Como loba não sei viver sozinha. Nasci para ser coletiva. Não estou preparada para curar a mim mesma. Não sou autogerativa. Minha homeostase parou de funcionar a tempos. Sei disso porque estou meio demente e qualquer minúscula perturbação exógena ou endógena me desequilibra ainda mais. Sem homeostase própria dependendo da coligação simbiótica com outros corpos para sobreviver. Para mim, nesse momento, ser em dois (ou em três, em quatro...) é o mínimo. Meus anticorpos já não estão ativos. Preciso dos seus prócorpos. Ajudem-me!

Vou uivar agora. A matilha de há_bit(antes) há de me ouvir. Viver em matilha é viver

na segurança e no risco. Se eles, assim como eu, querem há_bit(ar) juntos, se desejam simbiotizar-se com os outros, deviam saber que ao fazê-lo estão se abrindo para as afetações daqueles com que se consorciam. Se eu adoço todos correm um grande risco de adoecer também. Se eu não melhorar ninguém vai melhorar. Não é castigo. Não é vingança. É apenas como as coisas funcionam. Se você entra em nossa há_bit(ação), entrelaça-se com a matilha e começa a fazer parte desse corpóreo rizomático. Agora somos vários, porém um. Emaranhados como os fios que formam o feltro, somos responsáveis pelos outros, mas também temos o direito de receber amparo se precisarmos. Que seja esse o pacto, topas?

Estou muito cheia! Sofro há muito tempo com a retenção de líquidos. Agora basta! Não quero acumular mais nada. Vou me desfazer de tudo, até de mim mesma se vocês não atrapalharem. Começarei derramando toda essa água de meu corpo. Tenho o direito de mijar e chorar até secar e ficar magérrima. Vou ficar linda magrinha. Chega! Não quero nenhum excesso dentro de mim. Nenhum excesso... mesmo que seja d'água.

Deixem-me chorar, apesar de não ter nenhum motivo (a)parente, é só vontade de desidratar mesmo. Sabe a mulher moribunda da televisão? Descobri um livro aqui em casa que parece que foi escrito por ela. Só não tenho certeza por que sem saber seu sobrenome não consigo me certificar da autoria. Mas acho que é dela mesmo, pois o livro trata de temas como o choro. É a cara dela esses temas desanimadores. Pudera, aquela mulherzinha desgostosa deve saber muito sobre o assunto. Ai, como odeio essas vadias melodramáticas. Não tenho a menor paciência para gente que se vitimiza (estes, certamente vivem em família). Neste livro, há dois tipos de choro, um bom e outro ruim. Sobre o bom Clarice nada escreveu. Lógico, uma mulherizinha cruel como esta não deve saber nada de bom sobre o mundo. Porém, sobre o ruim redigiu várias linhas.

O choro ruim “é aquele em que as lágrimas correm sem parar e, no entanto, não dão alívio. Só esgotam e exaurem. (...) Quando se está perto desse tipo de choro, é melhor procurar conter-se: não vai adiantar. É melhor tentar fazer-se de forte, e enfrentar. É difícil, mas ainda menos do que ir-se tornando exangue a ponto de

empalidecer. Mas nem sempre é necessário tornar-se forte. Temos que respeitar a nossa fraqueza. Então, são lágrimas suaves, de uma tristeza legítima à qual temos direito. Elas correm devagar e quando passam pelos lábios sente-se aquele gosto salgado, límpido, produto de nossa dor mais profunda”.

Apesar de não gostar nada dessa senhora desajustada, tenho que concordar com ela que o choro é assim, conturbador. Abala não só o chorante, mas a todos em sua volta, pois suas lágrimas salgam o seu ecossistema por inteiro.

Ontem eu fiz um teste para validar essa tese. Vocês sabem que sou cientista e que adoro provar tudo e todos. Então, fui tomar um pouco de sol na calçada para ver se desidratava, já que ando com esse problema de retenção de líquido... Como não me senti evaporando o suficiente a ponto de me desmanchar no ar como queria, resolvi chorar. Chorei na rua mesmo, na frente de todos. Lembrem-se, era só um experimento. Mas, os transeuntes não sabiam, e em número elevado começaram a me cercar e me consolar. Certifiquei-me do que já sabia, chorar na frente dos outros nos ajuda a inventar vínculos e conquistar a confiança alheia. Rapidamente senti que todos queriam se tornar íntimos sendo simpáticos comigo.

A partir daí concluí que chorando diante de um inimigo teria grandes chances de conseguir a misericórdia e o perdão. Lembram o que fizeram as pecadoras ao enxugar os pés de Cristo e o que fez Pedro quando o negou três vezes; ambos choraram. Não foram nada ingênuos essas *maria-madalenas*. Mas ninguém desconfiou que era tudo fingimento. Tanto que até hoje o choro ganhou esse status mesquinho de santidade, de purificação, de penitência e de redenção. Tenho até vontade de rir disso. Mas não vou, estou cansada.

Bom, voltando ao meu experimento. Na rua, rodeada de desconhecidos cordiais, estava claro que conseguiria arrancar o que quisesse desses imbecis que me olhavam com cara de indulgência. Idiotas, não estavam preocupados comigo. Estavam eram ansiosos para que eu parasse de chorar e que suas vidas pudessem voltar logo ao normal. Acham que não conheço o segredo do mundo? O funcionamento do universo é igual ao de um termostato de ar-condicionado. É pura

cibernética. Não tem nada haver com benevolência. É só engenharia.

Ah! Não sabe como funciona um termostato? Paciência! Está pensando que vou perder meu tempo te explicando? Estou cansada esqueceu? CAN-SA-DA! Se quiser saber que pesquise. Você acha mesmo que um segredo desses se torna acessível sem esforço. Ah! Se vire. Não tenho obrigação nenhuma de te ajudar. Você nem ao menos há_bit(a) conosco. Se pelo menos fizesse parte da matilha...

Falando da matilha lembrei que nela tem um lobo que nunca chorou. Pelo menos, nunca o vimos chorar. Todos acham que ele é um tanto quanto frio, sem sentimentos e desapegado. E vocês sabem, o choro é o termômetro de nossa humanidade. Quanto mais nos desfizemos em lágrimas mais humanos seremos. Porém, não esqueça, há um limite. Contrariamente, se não choras isto já é muito preocupante. Nos trópicos é inadmissível não fazê-lo. Eu sou mulher. Esperam que eu chore sempre. Exceto quando tenho reais motivos para fazê-lo. Como agora por exemplo. Já o lobo meu amigo de matilha nunca chora. Não o deixam chorar, pois homem não chora. Contraditório não?

(1) Estou desistindo agora e nossa há_bit(ação) reconhece meu cansaço. Ela sabe que estou demasiadamente melancólica. Como é inteligente por perceber isso. (2) Você está vendo? Está vendo que aguaceiro? Olhe para nossa parede... nossa pele... ela transpira agora... é muita água que escorre. É por causa de meu choro. Cuidado, essas lágrimas vão salgar todo nosso há_bit(at). (3) É importante enxugá-las para que não nos destrua. Essas lágrimas irão molhar tudo em nossa há_bit(ação). (4) Estou vendo que vocês cuidam de minhas lágrimas. Enxuga-as. Mantém-nas sob controle. Estou sentindo o calor de seu ato. É tão azul. Acalme-me um pouco. Agradecida.

Considerações Finais

É hora de arrumar as malas. A mudança chegou! Vamos abandonar esta casa velha, antes que ela caia sobre nossas cabeças e nos mate (in)definitivamente. *Há-bit(ar)* é agora o nossa maior desafio. Afirmo isso, mas não acho que a casa está em total erro. São feitas com areia, e isso é bom. A areia é, por exemplo, uma das

matérias-primas devemos continuar utilizando em nosso *há_bit(at)*. Mas não para fazer tijolos e sim a areia processada, para extrair dela o silício e com ele produzir microchips. Ao invés de tijolos arenosos, é desejado casa-computadores de areia; *há_bit(ações)*.

Tirando a terra, a casa, nos moldes como a conhecemos hoje, ruma para a falência, já que se distancia cada vez mais do código estético-computacional de seus moradores. Com a emergência da cibercultura, e a transferência de muitas das práticas sociais até então consumadas exclusivamente nos espaços edificados, a arquitetura vem perdendo gradativamente sua função original de fomento das relações sociais, e tornando-se algo de utilidade duvidosa. Por isso, o arquitetural precisa se reinventar.

Assim, a arte, em seu papel de fiscal-anti-burocratizante das ordenações (aberrações?) arquiteturais, precisa (in)formar às residências das mudanças fenomenológicas que passam seus moradores. Além da virtualização dos corpos, há algumas décadas presenciamos o surgimento de outras formas de conjugalidades que não são mais comportadas em casas tripartidas. A divisão em setor social, de serviço e privado carrega uma hegemonia ideológica reacionária que luta para abafar os fluxos gasosos das multiplicidades de coligações corporais da atualidade. A tripartição já não serve como único modelo possível. É hora de desdepartamentalizar os espaços funcionais da casa, a fim de permitir que outras modalidades de matilhas, outras conjugalidades, se acomodem de forma mais (des)confortável ou (in)cômoda.

A casa, com sua tripartição, apóia uma determinada conduta; privilegia a família nuclear, aquela constituída pela figura de um pai, de uma mãe e de filho(s), em detrimento de outras. Promove, induz e conduz um único sentido de arranjo e afetividade entre os corpos. Tripartir é ordenar, regrar e rotular o sexo, o afeto, as emoções. Mas, não sejamos demasiadamente regrados. É hora de escapar como linha de fuga, como infiltração. Sejamos máquinas de guerra, lutando contra o Estado que regula o alvará dos imóveis, licenciando-os com um *habite-se (habites)?*. A casa não precisa nos organizar. Deve, antes disso, nos provocar, nos

confrontar com outras dimensões de espacialidade e de tempo e, conseqüentemente, do corpóreo. Nossa residência pode nos instigar ir a um novo local, a um outro território, a uma desterritorialização constante. Muito mais que acolher, nos restringir ou privar, a cada deve nos impulsionar ao (in)finito e nos auxiliar na busca de novos arranjos de matilhas.

Referência

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Artigo recebido em dezembro de 2015. Aprovado em novembro de 2015